

## **MONITORAMENTO TEMÁTICO DE MÍDIA IMPRESSA:**

### **“UMA ESTRATÉGIA DE ACOMPANHAMENTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS.”**

Felipe Moura de Andrade<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

O presente texto trata de uma comunicação sobre de nossa experiência na área de direitos humanos e segurança pública na Prefeitura Municipal de Cariacica no Espírito Santo no desenvolvimento de estratégias de acompanhamento de questões pertinentes à cidadania e direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. Apresentamos alguns resultados do “Monitoramento de temático de mídia impressa” que desenvolvemos nos anos de 2011 e 2012, o relato e análise dos dados são referentes ao primeiro destes dois anos, mais exatamente o período de 24 de maio a 9 de novembro, nos jornais A Gazeta e A Tribuna do estado do Espírito Santo. O objetivo do texto é apresentar os principais desafios teóricos e metodológicos de construir um objeto de análise nas áreas de direitos humanos e segurança pública adequada às demandas e atribuições do executivo municipal, bem como apresentar a experiência considerada por nós exitosa, desenvolvida na Prefeitura Municipal de Cariacica no Espírito Santo, de construção de dados com vistas a subsidiar a elaboração de políticas públicas em particular na área de educação em Direitos Humanos.

#### **Palavras-chave: Mídia, monitoramento, LGBT.**

O presente texto trata de uma comunicação sobre de nossa experiência na área de direitos humanos e segurança pública na Prefeitura Municipal de Cariacica no Espírito Santo no desenvolvimento de estratégias de acompanhamento de questões pertinentes à cidadania e direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. Apresentamos alguns resultados do “Monitoramento de temático de mídia impressa” que desenvolvemos nos anos de 2011 e 2012, o relato e análise dos dados são referentes ao primeiro destes dois anos, mais exatamente o período de 24 de maio a 9 de novembro, nos jornais A Gazeta e A Tribuna do estado do Espírito Santo.

O objetivo do texto é apresentar os principais desafios teóricos e metodológicos de construir um objeto de análise nas áreas de direitos humanos e segurança pública adequada às demandas e atribuições do executivo municipal, bem como apresentar a

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

experiência considerada por nós exitosa, desenvolvida na Prefeitura Municipal de Cariacica no Espírito Santo, de construção de dados com vistas a subsidiar a elaboração de políticas públicas em particular na área de educação em Direitos Humanos.

A metodologia do trabalho desenvolvida em nossa experiência pode ser resumida nos seguintes procedimentos: a) Leitura, seleção e recorte de matérias dos jornais A Gazeta e A Tribuna; b) colagem e preenchimento da tabela de registro; c) as Informações coletadas: jornal; data das matérias; caderno; manchete; palavra-chave; categorias e subcategorias. Eram elaborados relatório mensal, trimestral, semestral e anual. Nosso trabalho se caracterizava por uma estratégia multimétodos, mas havia maior destaque para a análise de conteúdo, na medida em que seu objetivo é sistematizar e categorizar os dados produzidos na fase de coleta, permitindo a análise dos discursos de maneira quantificável. Caracteriza-se pela transformação de discursos ou imagens em conteúdos, esta passagem ocorre com o processo de construção de categorias para a análise, estas são produzidas com o objetivo de construir um conhecimento de enquadramento e produção de uma linguagem de síntese de fenômenos, o que permite sua quantificação e tratamento estatístico, como no aponta Mercato (2012).

A metodologia de exposição de nosso texto é apresentar a relação entre o vocabulário político cultural construído no campo social de luta pelo reconhecimento, promoção e garantia de direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nas últimas três décadas e a capilaridade, adesão e uso deste vocabulário e expressões “correlatas” por mídias impressas.

É necessário neste momento localizar as mídias impressas como campos discursivos e, por isto político, profundamente complexos e por vezes contraditórios, pois são compostos por sobreposições de discursos por vezes de temáticas socialmente tensionadas e polêmicas. Os jornais não são peças discursivas que podem ser analisadas despreziosamente, haja visto, que se do ponto de vista formal é possível aos jornalistas, redatores e editores imprimirem suas concepções e linhas editoriais, não são eles sujeitos autônomos por completo para renegarem as representações sociais e vocabulários que vão se consolidando no tempo em torno das questões que são alvo de sua atenção. Portanto estamos dizendo que a atuação dos profissionais de comunicação é produzido dentro de uma estrutura discursiva no sentido que nos aponta Laclau (1986)

e os discursos produzem realidade sociais na medida que se configuram em relações de poder como nos aponta Mouffe (2003).

A formalidade e procedimento de controle do discurso é por vezes esvaziado e “traído” pelas construções sociais mais amplas, ainda mais em uma sociedade em que as diversas temáticas da vida social são discutidas e construídas em campos sociais distintos, por exemplo, as questões relacionadas a sexualidade são alvo tanto das disciplinas acadêmicas, quanto das religiões, e estes campo são diversos entre si, e ao mesmo tempo diversos em si, oferecendo múltiplas posições de sujeito Laclau (1986), que possibilitam múltiplas narrativas e articulações entre discursos e sujeitos. Todas estas construções impactam o texto jornalístico, quanto nos enfoques e vocabulário que usam, quanto aos sujeitos que dão voz e o vocabulário destes sujeitos.

Dessa forma segue ao longo deste relato a exposição estatística que relaciona o vocabulário do movimento social LGBT e as expressões e palavras utilizadas por jornais para “expressar” tais ideias e valores relacionados à população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Faz-se ainda necessário localizar que o discurso não é um campo neutro, cada palavra ao expressar uma noção, pode construir sentidos profundamente diversos, por mais que estejam delimitando o “mesmo” o fenômeno empírico. Os discursos produzem e não apenas representam a realidade que dizem descrever Butler (2003).

Tendo em vista a concepção que enunciamos sobre discurso, nos próximos parágrafos e páginas apresentamos o processo de enquadramento e análise que fizemos dos vocabulários que os jornais impressos estudados traziam ao tratarem de questões relacionadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

### **União homoafetiva**

A noção de união homoafetiva utilizada neste projeto é o reconhecimento do legado conceitual e jurídico que vem se acumulando nas últimas décadas entorno da problemática do status social e jurídico das relações entre pessoas do mesmo sexo. Este enquadramento deriva das várias possibilidades de os conceitos de homoparentalidade e homoafetividade ensejam em relação a tais questões, bem como tenta refletir os avanços sociais e jurídicos do reconhecimento das diversas modalidades de “estar junto” que vem se desenvolvendo nas sociedades ocidentais, em que a tradicional instituição do

casamento religioso passou a coexistir com o casamento civil, posterior possibilidade de dissolução do casamento, reconhecimento de uniões estáveis e atualmente a equiparação e conversão jurídica das modalidades. Desta forma, o exercício foi construir um enquadramento tal que nos permitisse entender as diversas formas como os jornais enunciam a experiência pessoal e sociojurídica de relação entre pessoas do mesmo sexo.

Pelo quadro que segue a baixo é possível afirmar que os jornais no período analisado fizeram uso de categorias de reconhecimento social profundamente carregados de valoração moral pejorativa, como casamento gay, que nas atuais condições da disputa discursiva ainda figura como expressão usada majoritariamente para descaracterizar a luta pela igualdade jurídica dos status das relações afetivas e patrimoniais derivadas da primeira.

<b>Casamento Gay</b>	<b>15</b>	<b>União Homoafetiva</b>	<b>35</b>
<b>Casamento Homossexual</b>	1		
<b>Casamento Civil Gay</b>	1		
<b>União Homossexual</b>	1		
<b>Casar no Civil</b>	3		
<b>União Homoafetiva</b>	5		
<b>União Estável</b>	8		
<b>Pessoas do mesmo sexo</b>	5		
<b>Casais Homossexuais</b>	1		

### **Paradas gays e manifestos LGBT**

Esta é uma noção profundamente confusa e contraditória dentro do próprio movimento LGBT, em que algumas lideranças do movimento se posicionam favoráveis ao uso da noção de Manifesto e outro Parada Gay. Tais divergências se desenrolam entorno das representações sociais mais amplas que foram se consolidando no tempo em relação às paradas gays, bem como a própria cobertura da mídia que por vezes se centra no “espetacular” ou por vezes no muito trivial, não transmitindo o sentido proposto pelo movimentos, mas sim os anseios que os profissionais da comunicação creem ser dos leitores. Existe uma clara disseminação da expressão Parada Gay, inclusive por esta ser hegemônica nas experiências de consumo e de cultura das populações de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

<b>Manifestação</b>	<b>1</b>	<b>Paradas Gays e Manifesto LGBT</b>	<b>10</b>
<b>Manifesto Gay</b>	1		
<b>Parada do Orgulho Gay</b>	1		
<b>Marcha Gay</b>	1		
<b>Parada Gay</b>	6		

## **Identidades sexuais e de gênero**

O enquadramento de identidades sexuais e de gênero hora proposto tenta ao mesmo tempo aproximar os enquadramentos das discussões acadêmicas, do movimento e as apreensões sociais. Dessa forma aproximamos aqui o conjunto de palavras que visam expressar a experiência pessoal e coletiva de autoimagem e imagem social da condição sexuada do corpo e de suas expressões. Dessa forma, os padrões e marcadores de gênero existentes e nossa sociedade. É possível perceber nos gráficos a baixo o domínio do a identidade sexual de gay, usado também para definir a homossexualidade de mulheres e a visibilidade da experiência de travestis e transexuais, mas muito marcada pela indefinição do campo sexual em que se localiza. No período analisado os jornais impressos reproduziram as impressões sociais que não localizam as travestis em particular nem no campo do feminino nem do masculino, reproduzindo uma ideia de “ser” sem lugar, dessa forma, estranho ao normal.

<b>Gay</b>	<b>27</b>	<b>Identidades</b>	<b>99</b>
<b>Transexuais (no feminino)</b>	4		
<b>O Transexual</b>	5		
<b>O Travesti</b>	12		
<b>Homossexualidade</b>	3		
<b>Homoafetivos</b>	15		
<b>Homossexualismo</b>	3		
<b>Transgênero</b>	1		
<b>Bissexuais</b>	4		
<b>LGBT</b>	13		
<b>Veado/Bicha/Bicharada</b>	3		
<b>Transexualidade</b>	2		
<b>Bissexual</b>	1		

## **Discriminações**

O enquadramento de discriminação se refere a um vocabulário que tem se construído no Brasil e quem tem incorporado cada vez mais novos conceitos, que ao passarem para o uso corrente da linguagem cotidiano vai se transformando. Conceitos como preconceitos, homofobia e bullying tem sido amplamente divulgado nos últimos anos, passando a incorporar o vocabulário cotidiano para descrever processo de diferenciação social, estigmatização e opressão social. A palavra homofobia, que é recente no vocabulário corrente já se fez no período de maio a novembro de 2011 como a mais frequente aos descrever processos de diferenciação social e estigmatização social de pessoas não heterossexuais.

<b>Preconceito</b>	<b>7</b>	<b>Discriminações</b>	<b>36</b>
<b>Bullying</b>	2		
<b>Homofobia</b>	17		
<b>Orgulho Heterossexual</b>	2		
<b>Dúvida</b>	1		
<b>Discriminação</b>	4		
<b>Opção Sexual</b>	3		

### **Cirurgia de transgenitalização**

O ato médico, processo social e psicológico descrito pela noção de cirurgia de transgenitalização talvez seja uma das temáticas mais multifacetadas e tencionadas para o vocabulário do movimento LGBT, pois ainda é disputado pelo vocabulário médico como patologia, o que enseja uma série de procedimento e normativas médicas, mas também é disputado pelo discurso dos estudos de gênero e de sexualidade no campo das ciências humanas, que desnaturaliza a relação direta e linear entre corpo, gênero e sexualidade. Desta forma este campo é descrito por diversas palavras e conceitos quem nem sempre podem ser aproximados com facilidade, mesmo que não estejamos lidando com noções que cumprem a função de estigmatizar ou o inverso. Percebemos que ao longo do período analisado fez-se mais comum o uso de “mudança de sexo” já amplamente difundido no senso comum.

<b>Mudança de Sexo</b>	<b>4</b>	<b>Cirurgia de Transgenitalização</b>	<b>15</b>
<b>Virar Mulher/ Virar Homem</b>	2		
<b>Transgenitalização</b>	1		
<b>Troca de Sexo</b>	1		



<b>Transformarem</b>	1
<b>Transtorno de Identidade de Gênero</b>	1

## **Cultura de lgbt**

A noção de cultura GLS ou cultura LGBT é uma das mais intrincada construção das populações de lésbicas, gays, bissexuais e travestis e transexuais, pois delimita um universo diretamente ligado a identidade pessoal e coletivas destas populações e ao mercado, e nos força a perceber a construção de normatividade homossexuais, que ao mesmo tempo dão visibilidade ao um conjunto indiferenciado de homossexuais, invisibiliza um conjunto amplo de sujeitos que não veem seus desejos e práticas refletidos nos espaçose práticas culturais frequentemente associados aos LGBT. Este campo simbólico é visibilizado majoritariamente como masculino, branco e de classe média, as poucas matérias encontradas no período estudado não fugiram a regra, falando exclusivamente de boates gays.

<b>Boate Gay</b>	<b>3</b>	<b>Cultura LGBT</b>	<b>3</b>
------------------	----------	---------------------	----------

## **Argumentos contra a visibilidade e direitos de lgbt**

Os argumentos contra a visibilidade, reconhecimento ou direitos de LGBT estão concentrados nos polos mais conservadores da sociedade e se associam com símbolos e instituições que se encontram atualmente destituídos de legitimidade discursiva no campo do direito e da academia. Os discursos de contraposição se situam hoje no seio das tradições religiosas cristãs, e as associas que este campo estabelece com um discurso hegemônico, mas minoritário do ponto de vista estatístico, de família, e noções socialmente difusas e pouco precisa de doença.

<b>Bíblia</b>	<b>5</b>	<b>Argumentos contra direitos de LGBT</b>	<b>14</b>
<b>Deus</b>	1		
<b>Religião</b>	1		
<b>Igreja</b>	1		
<b>Família</b>	1		
<b>Doença</b>	3		
<b>Homem e Mulher</b>	1		

## Orientação sexual

A noção de orientação sexual é antiga no campo de estudos comum entre as ciências humanas e as ciências da saúde e descreve o processo de constituição do desejos a partir da sua tripla dimensão de bio, psico e social. Mas no senso comum ainda figuram noções como opção sexual, que tendem a individualizar e moralizar a experiência sexual, a descrevendo como um impulso pessoal controlável sem consequências diversas para as demais dimensões do sujeito sexuado. Opção por vezes aparece como oposição de normalidade, em que o sujeito nasceria com uma sexualidade normal e escolheria transgredir as regras “naturais”. Observa a presença da noção de opção, mas se percebeu uma presença maior da noção de orientação sexual.

Orientação Sexual	6	Orientação Sexual	4
Identidade sexual	1		
Opção	1		
Opção Sexual	1		
Condição de Gay	1		

## Coming out gay

O coming out gay é um processo social marcadamente ocidental e não tem mais que quatro décadas, fruto de um processo de construção da sexualidade como estanque, em que de um lado se posicionam os heterossexuais e de outro os homossexuais. Ele surge como resposta ao processo de construção da coerência compulsória entre corpo, gênero e sexualidade, imposta pela psiquiatria do começo do século XX. Deste processo social surge uma “epistemologia do armário”, uma série de conhecimentos jurídicos, médicos, sociais e pessoais que estabelecem a heterossexualidade como visível e normal e a homossexualidade como invisível e anormal, exigindo assim uma processo de assumir-se. Portanto, pressupomos que as pessoas são heterossexuais até que “saíam” do “armário” e nos informem que são homossexuais. Este é um processo profundamente comum entre pessoas homossexuais ou pessoas que convivem com homossexuais, que de um ponto de vista macrosociológico parece pequeno e pouco relevante, mas é por ele que temos a visibilidade da homossexualidade contemporânea. Mesmo tempo pouca expressão no conjunto das matérias coletadas e analisadas, esta dinâmica aparece descrita tanto como assumir ou orgulhar-se.



<b>Assumi</b>	<b>2</b>	<b>Identificar-se</b>	<b>5</b>
<b>Orgulho</b>	<b>3</b>		

## **LGBT**

Esta é uma expressão típica do movimento e reflete o processo de constituição dos sujeitos sociais de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais e também o processo de constituição políticas destes sujeitos sexuais e a convergência entre estes. Não é óbvio nem natural que todos estes sujeitos estejam reunidos no mesmo movimento social, haja visto, que ao mesmo tempo que partilham diversos pautas políticas em comum, possuem profundas diferenças. A constituição de uma sigla, que ao mesmo tempo respeite a diversidade de identidades, visibilize os sujeitos políticos, os articule e os separem da experiência de mercado segmentado de um público consumidor, tem décadas, parece ter se assentado, mas de forma alguma pode ser compreendido como finalizado, novos marcadores sociais podem emergir, bem como novos sujeitos sociais podem pedir visibilidade bem como populações hoje pouco expressivas politicamente ampliam sua organização, articulação e atuação política. Desta forma, LGBT tem se configurado não apenas como uma sigla a descrever os sujeitos de um movimento, mas mesmo como a definição de uma coletividade de sujeitos e um símbolo para estas populações, assim como o arco íris de seis cores já é um símbolo internacional destas populações e de suas lutas. Apareceram dessa forma no período estudado duas expressões que pretendiam descrever a coletividade de homossexuais, casais homossexuais e LGBT ambos em mesma quantidade.

<b>Casais Homossexuais</b>	<b>5</b>	<b>LGBT</b>	<b>10</b>
<b>LGBT</b>	<b>5</b>		

## **MILITÂNCIA LGBT**

O enquadramento militância prestou-se a delimitar as expressões utilizadas nos jornais para notícias ou descrever as ações de grupos políticos. Foram poucas as matérias no intervalo analisado que fizeram menção a agrupamento políticos, mas as quatro que apareceram de alguma forma ou em algum nível se aproximaram do historicamente

proposto pelo movimento LGBT. A expressão movimento gay, foi por muito tempo usado por parte do que hoje chamamos de movimentos LGBT.

<b>Movimento LGBT</b>	<b>1</b>	<b>Militância LGBT</b>	<b>4</b>
<b>Movimento Gay</b>	<b>2</b>		
<b>Movimento em favor dos gays</b>	<b>1</b>		

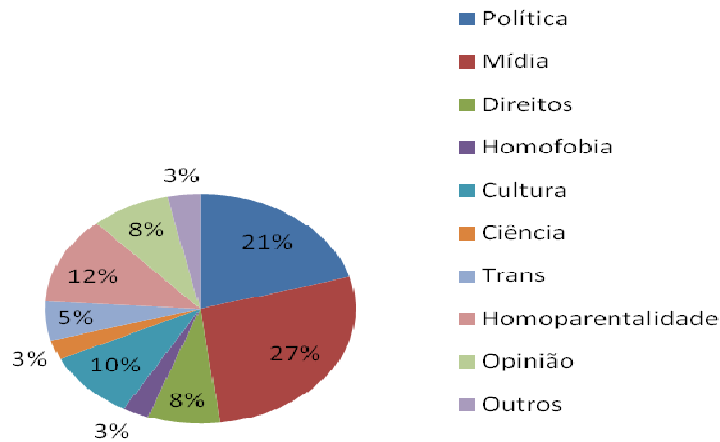
### **Classificação do conteúdo das matérias de jornais**

O presente relatório, baseado no Projeto de Monitoramento Temático de Mídia Impressa, que acompanha os jornais A Gazeta e A Tribuna formulou um conjunto de categorias e subcategorias para classifica das matérias com base em uma análise frouxa do conteúdo discursivo das matérias. Desta forma, segue exposição de frequência das matérias por categorias e subcategorias, o sentido em que são aplicadas podem ser acessados em anexo ao presente relatório.

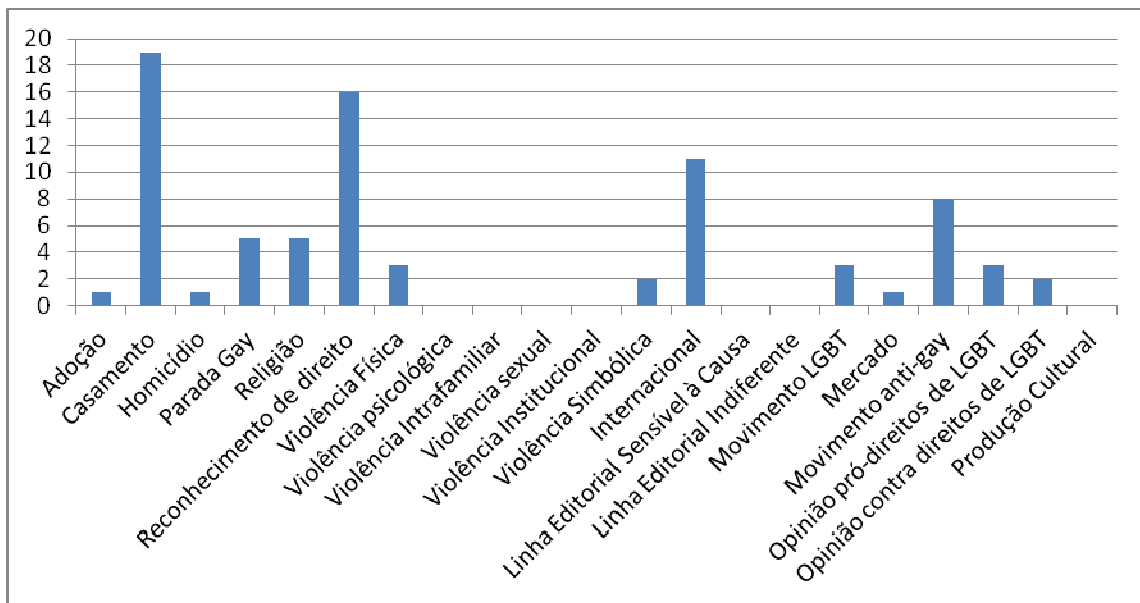
Observa-se do gráfico que segue abaixo que as principais categorias nas quais foram enquadrada as matérias forma: Política 21%; Mídia 27%; Homoparentalidade 12%; Cultura 10%; Direitos 8%; Opinião 8%.

Ó perceptível uma variação entre a frequência das palavras no texto jornalístico e a classifica de tais textos, se poucas palavras fazem referência a política ou cultura, um conjunto amplo de matérias podem ser classificadas como pertencentes a estes “gêneros” jornalísticos. No período analisado observa-se uma predominância das temáticas de política e direitos, talvez explicáveis pelas pauta dos período que foram o reconhecimento da constitucionalidade do reconhecimento da união estável para casais homossexuais pelo STF e a polêmica entorno do veto da presidenta Dilma Rousseff do lançamento do projeto “Escola sem Homofobia”.

### Frequência de Categorias Analíticas

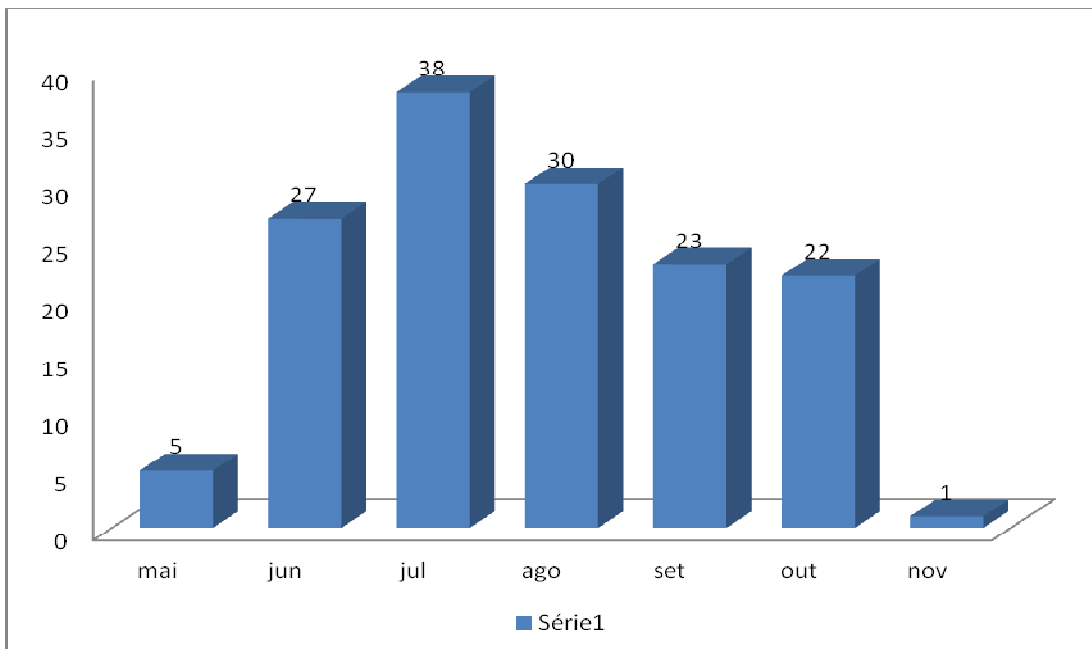


Como é possível observar a classificação das matérias por subcategorias também nos permite afirmar a forte presença de subcategorias que descrevem processos relacionados as duas principais pauta do movimentos LGBT no ano de 2011. Se de um lado casamento e reconhecimento de direitos figuram como as duas subcategorias mais comuns, o quarto lugar é ocupado por movimentos anti-gay, todas três profundamente relacionadas as problemáticas políticas do ano de 2011.

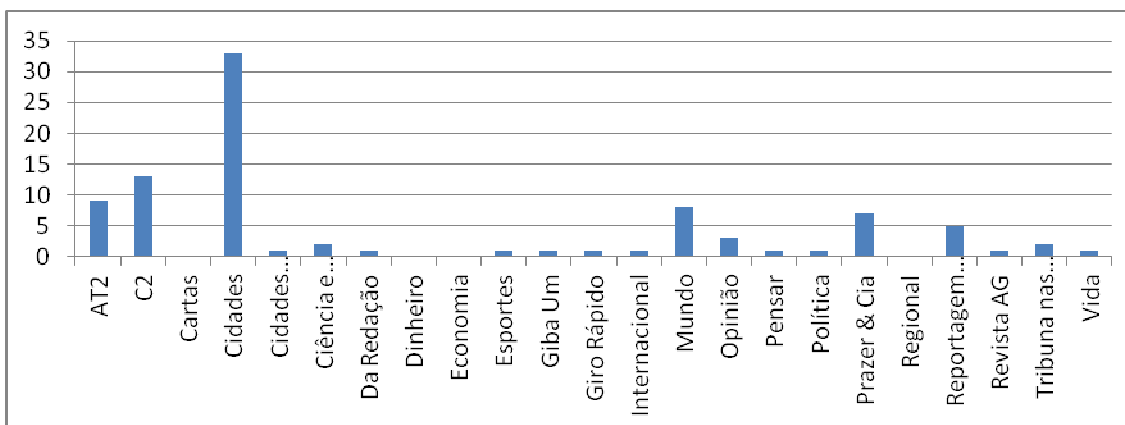


Como demonstrado abaixo pelo gráfico de frequência das matérias ao longo de período analisado, dos meses analisados integralmente julho e agosto figuram como os meses com maior número de matérias, meses próximos da maior Parada Gay do Brasil e do mundo, a Parada do Orgulho Gay de São Paulo, a decisão do Supremo Tribunal Federal

e a polêmica entorno do veto do projeto “Escola sem Homofobia”. É possível relacionar a frequência de matérias e os fatos políticos e sociais e afirmar que as polêmicas e embates tem dado visibilidade e destaque as questões das populações LGBT.

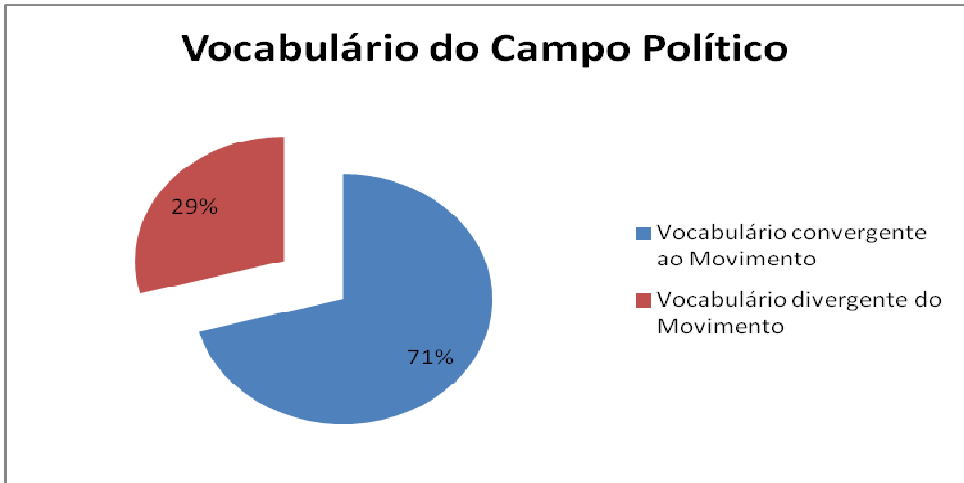


Fazemos em nosso monitoramento também o acompanhamento da frequência de matérias por cadernos, o que nos permite mensurar e compreender a dispersão das matérias ou conteúdos relacionados a LGBT ao longo dos jornais. A maior concentração é no caderno Cidades, logo depois seguidos por AT2, C2, Mundo e Prazer e Cia, para o efeito deste relatório não é relevante a separação destes cadernos pelos seus respectivos jornais, mas sim compreender onde tem surgido as temáticas de LGBT e é perceptível que são nos cadernos relacionados a variedades, cultura e consumo elementos fortes das imagens e compreensões que se fazem dos LGBT em geral.

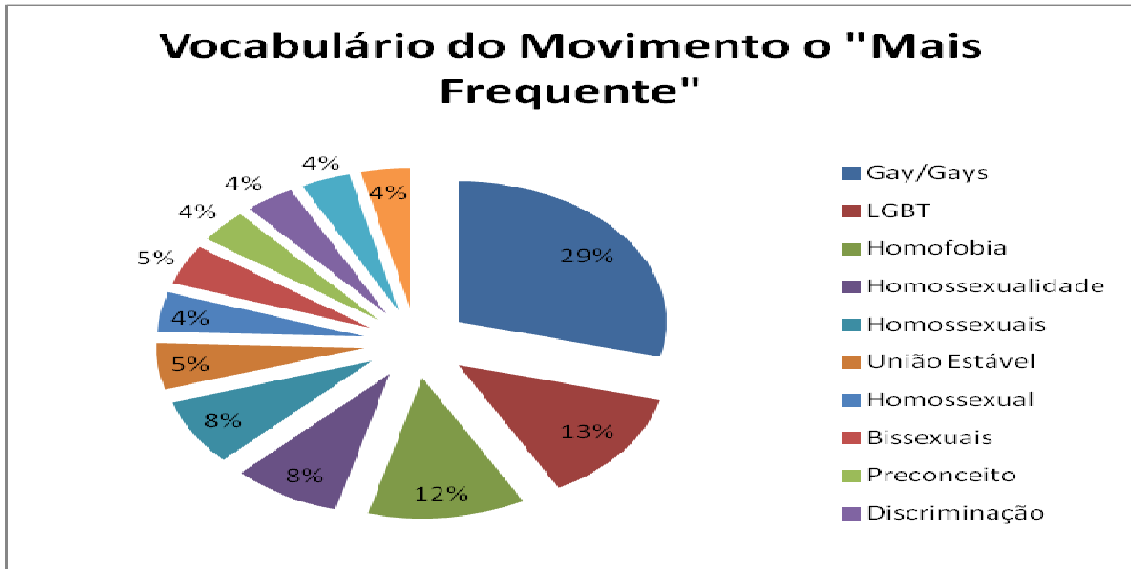


O conceito de arena política é fundamental para subsidiar nossa sistematização e análise do vocabulário presente nos jornais impressos, e este conceito delimita um espaço simbólico, cultura ou político amplo difuso e contraditório em que agentes políticos com posturas políticas diferentes competem e negociam posições. Neste quadro de coisas, o texto jornalístico pode e o jornal como um todo podem ser compreendidos como arenas em disputa na formação da opinião da sociedade bem como de seu vocabulários. Tendo em vista esta dimensão acompanhamos a frequência das palavras a partir da compreensão de que existe um conjunto de palavras que convergem aos pressupostos éticos da luta pelos direitos de LGBT e de outro um conjunto de palavras que divergem deste processo, convergindo com o pressuposto ético de manutenção do status quo. Observamos que no intervalo estudado, a partir de nossa classificação, entorno de 71% das palavras utilizadas são oriundas ou reivindicadas como pertencentes ao vocabulário do movimento LGBT e que 29% podem ser enquadradas no campo oposto. Tal frequência nos traz algumas problemáticas, de um lado podemos afirmar que as palavras do movimento tem sido hegemônica nos textos jornalísticos, mas de outro não nos permite afirmar que o conteúdo seja da mesma forma convergente.

O movimento LGBT tem tido uma enorme capacidade de difundir seu discurso, mas seus opositores tem tido também enorme capacidade de resignificar e mesmo desconstruir o sentido proposto pelo movimento. O uso das expressões típicas do movimento apontam para sua capacidade de capilaridade social, seja fruto de sua presença na mídia, na academia ou mesmo o forte apelo comercial, mas não nos permite dizer que o movimento seja capaz de manter o sentido destas palavras no processo de disseminação destas pela sociedade. Para exemplificar, quantos não são os pastores que fazem uso da palavra homofobia para desconstruí-la ou mesmo propõe “homólogos” sem base conceitual e empírica que a sustente, como “evagélico-fobia”.

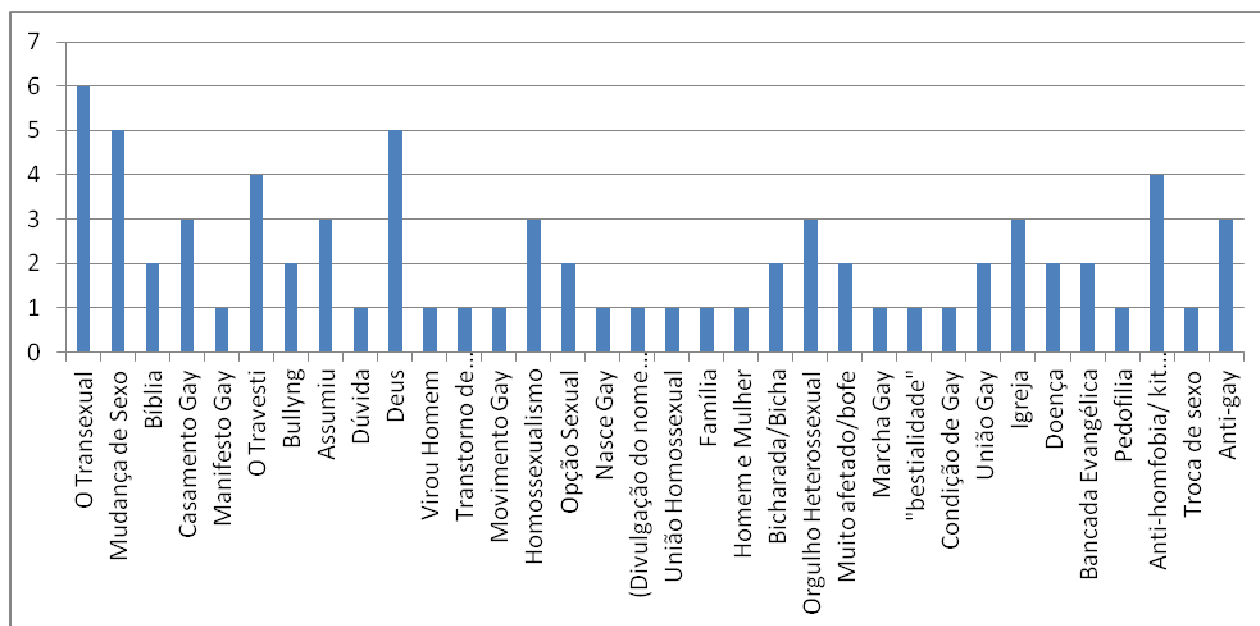


Dentro do conceito de arena é importante derivar o conceito de campo ético político e estabelecer uma ligação deste com a linguagem. Neste relatório fazemos uso da noção de campo-ético-político para delimitar o processo de convergência valores, interesses e ações entre grupos que partilham problemáticas em que este se reconhecem como pares. A partir deste argumento acreditamos existir um campo-ético-político pró-visibilidade e reconhecimentos de direitos de LGBT e que estes tem irradiado suas compreensões a vocabulários para o campo do texto jornalístico. No quadro que segue abaixo apresentamos a frequência das palavras compreendidas como do campo pró-LGBT.



Segue abaixo a apresentação do vocabulário do campo-ético-político contra a visibilidade e o reconhecimento dos direitos de LGBT.





## Conclusão

Faz-se necessário acompanharmos as mídias, pois estas são ao mesmo tempo um instrumento de reflete a sociedade e que a propõem questões, estando na complicada condição de reprodução da ordem social, que é ao mesmo tempo afirmar as regras já existentes e trazer novas possibilidades.

Dessa forma a profusão discursiva que temos visto nas mídias em relação as questões relacionadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais nas mais diversas mídias nos aponta que elas tem ficado cada vez mais comuns, e tem sido disputado por todos os lados, mas a visibilidade permanente tem trazido a contingentes populacionais cada vez maiores informações e vocabulários que antes estes não tinham acesso. Este processo tem permitido um avanço gradual dos direitos de diversas populações.

É necessário, portanto, que veículos e profissionais de comunicação social compreendam que não existe neutralidade em campos sociais tencionados, forma, duração, frequência e os discursos que se dá visibilidade mudam as condições e retiram das mãos de qualquer um a neutralidade. A objetividade na exposição, esta sim é possível, mas o se posicionar e deixar claro que o está fazendo é que permite o controle social das verdades que circulam em nossa sociedade.

## Referências



BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Ed: Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2003.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. Política & Sociedade. n.3, pp. 11-26. Outubro de 2003.

LACLAU, Ernesto. Os novo movimentos sociais e a pluralidade do social. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 2, vol. 1, 1986.

MERCATO, Luis Paulo Leupoldo. Pesquisa Qualitativa On-line Utilizando a Etnografia Virtual. Revista Teias, v. 13, n 30, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1188/977>